

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Euarda Lorena de Oliveira Queiroz

DESVENTURAS DAS MULHERES NO SÉCULO XVIII: HISTÓRIA E LITERATURA EM VOLTAIRE

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Profª Dra. Silvana Mota Barbosa

Juiz de Fora
2019

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Eduarda Lorena de Oliveira Queiroz, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201673189A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **DESVENTURAS DAS MULHERES NO SÉCULO XVIII: HISTÓRIA E LITERATURA EM VOLTAIRE**, desenvolvido durante o período de 16/07/2019 a 25/11/ 2019 sob a orientação de Silvana Mota Barbosa, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 25 de NOVENBRO de 2019.

Eduarda Lorena de Oliveira Queiroz

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

DESVENTURAS DAS MULHERES NO SÉCULO XVIII: HISTÓRIA E LITERATURA EM VOLTAIRE

Eduarda Lorena de Oliveira Queiroz¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a representação que Voltaire faz das mulheres na obra *Cândido ou o Otimista* publicado em 1759. Entende-se a literatura como parte da descrição da realidade, como uma janela para a compreensão do passado. Metodologicamente, faz-se um recorte sobre a representação e a participação feminina na obra, contrapondo com as pesquisas sobre a representação da mulher entre os séculos XVII e XVIII, mais precisamente sobre a importância desta nos motins e na Revolução Francesa. Busca-se compreender então, a condição feminina no Antigo Regime.

PALAVRAS-CHAVE: Representação feminina. Voltaire. Revolução Francesa..

1. INTRODUÇÃO

O livro de Voltaire, *Cândido, ou o Otimismo*, é popularmente conhecido por abordar as desventuras de um jovem (Cândido) pelo mundo no século XVIII.

Mas o livro não é apenas uma novela. É também uma análise ácida de Voltaire para seu tempo. No decorrer do romance surgem inúmeras críticas aos sublitteratos, aos que difamavam suas obras e a alguns filósofos emergentes daquela época. No entanto, para além das críticas feitas através de personagens específicos, os personagens masculinos do livro são apresentados com alguma função social: seja um juiz, um filósofo, um padre. Até mesmo quando uma personagem não cumpria um papel social relevante, caso do companheiro de viagem de Cândido, um desempregado, ainda assim era descrito como um sábio.

Nas bordas da trama principal, Voltaire nos apresenta algumas personagens femininas de forma secundária, sendo constantemente retratadas enquanto filha, esposa ou mãe de algum homem de ofício, como a baronesa, a jovem Cunegundes e a irmã do senhor barão. Dentre as personagens femininas, a exceção é a Velha que, primeiramente, é retratada com uma certa autonomia, mas no desenrolar do romance assemelha-se com a história de vida de Cunegundes.

Observa-se, portanto, um contraste explícito na abordagem entre as personagens masculinas e femininas na obra. Para este trabalho, trataremos especificamente de duas mulheres, Cunegundes e a Velha, para investigar a maneira como foram retratadas por Voltaire. A escolha dessas personagens justifica-se devido a sua maior participação na trama e a maior riqueza de detalhes na descrição de suas histórias. Nesse sentido, buscaremos compreender se essa diferenciação de gênero no livro se restringe somente à forma do autor enxergar o mundo ou se de fato corrobora com o papel social da mulher no século XVIII.

2. O CÂNDIDO

Resumidamente, a história é sobre a vida de um jovem menino que amava o local onde vivia, Vestfália, especificamente, o castelo do senhor barão de Thunder-tentronck, onde pensava ser o melhor local para se viver. Sua vida muda completamente após ser visto beijando a filha do barão, Cunegundes, grande amor da sua vida. Expulso do castelo, Cândido vive inúmeros infortúnios, presencia invasões e guerras, até reencontrar Pangloss, um filósofo ao qual muito admirava e que havia conhecido em Vestfália. Foi através desse encontro que o protagonista descobriu que Cunegundes e sua família inteira haviam sido mortos pelos búlgaros. Juntos, eles acompanham Tiago, homem que tirou Cândido das ruas, até Lisboa para tratarem de negócios. No entanto, uma grande tempestade na viagem, fruto de um terremoto, acaba por atirar Tiago ao mar, matando-o. Cândido e Pangloss, ao desembarcarem em Lisboa, sofreram um auto de fé, fazendo com que achassem que ambos estivessem mortos. Socorrido por uma velha, Cândido descobre que foi a mando de Cunegundes. Eles, então, se reencontram, mas logo são obrigados a se afastarem, já que Cândido, para por ficar com sua amada mata seus donos: dois grandes homens locais, dom Issacar e o Inquisidor mor. Para

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail:eduardadeloq@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Silvana Mota Barbosa .

além da fuga pelos homicídios, o maior homem da América estava apaixonado por Cunegundes, sendo mais um entrave para os dois ficarem juntos naquele momento.

O jovem então conhece muitas cidades, ao lado de Cacambo, seu fiel criado, dentre elas, Eldorado, onde são recebidos com muita graça. Lá descobrem uma grande fortuna e ao voltarem levam muito ouro para reencontrar Cunegundes, se dividem: Cacambo levaria metade do dinheiro para resgatar a Velha e a Cunegundes e Cândido os esperariam em Veneza. Cândido, por estar com muito dinheiro, paga um acompanhante de viagem, Martinho, um filósofo que também havia sofrido muito na vida. Perdem muito ouro e diamante no caminho, são roubados e manipulados. Chegam à França, Cândido fica doente, se recupera, se encontra com diversas pessoas, padres, atrizes e se depara com muitas prostitutas. É nesse momento em que aparecem as inúmeras críticas aos boêmios literatos, aos críticos de suas obras e a linha de três diferentes filósofos da época.

Novamente, Cândido e Martinho passam por diversos desastres, até por fim chegarem em Constantinopla. Aqui, Cândido compra Cacambo que havia sido escravizado e perdido toda a sua fortuna, recebe a triste notícia de que o grande amor de sua vida também havia se tornado escrava de um príncipe e que virou feia, perdendo toda a sua ternura. Cândido reencontra Pangloss, o filósofo que tanto admirava, que tinha a certeza que estava morto pelo auto de fé, e o resgata da escravidão. Ao chegarem na casa do príncipe, Cândido avista a Velha e Cunegundes, comprando-as também:

O terno amante Cândido, vendo sua bela Cunegunde encardida, com os olhos gastos, o colo seco, as faces enrugadas, os braços vermelhos e descamados recuou três passos tomado de horror e avançou em seguida para não parecer impolido (VOLTAIRE, 1975, pág. 128)

Por fim, a história se encerra com Cândido pobre pois havia sido extorquido pelos judeus, comprando uma granja por sugestão da Velha, restando-lhe apenas isso. Cândido se casa com Cunegundes, que pelo decorrer da história acaba ficando feia. Cunegundes, a Velha, Martinho, Cacambo, Pangloss e Cândido se acomodam na granja e sobrevivem do que a terra poderia oferecer. Lá os filósofos ao lado de Cândido discutiam sobre a vida, sobre as coisas do mundo e o livro se encerra no seguinte diálogo:

E Pangloss dizia às vezes a Cândido:

- Todos os acontecimentos estão encadeados no melhor dos mundos possíveis; pois, enfim, se o senhor não tivesse sido expulso de um belo castelo a grande pontapé no traseiro pelo amor da senhorita Cunegundes, se não tivesse sido apanhado pela Inquisição, se não tivesse corrido a América a pé, se não tivesse perdido todos os seus carneiros do bom país de Eldorado, não estaria aqui comendo cidras em conservas de pistaches.

- Muito bem dito- respondeu Cândido-, mas temos de cultivar nosso jardim. (VOLTAIRE, 1975, pág. 135)

3. A HISTÓRIA DE CUNEGUNDES

Cunegundes era filha do barão de Vestfália, seu pai possuía dois castelos, ela vivia em um destes, onde Cândido também habitava. Aos olhos do protagonista ela era “extremamente bela, era corada, fresca, roliça e apetitosa” (VOLTAIRE, p. 12, 1975.). Porém, devido uma invasão do seu castelo pelos Búlgaros, após Cândido ter sido expulso do castelo, a bela moça teria sua vida virada de cabeça para baixo. Foi estuprada, esfaqueada, seus pais foram mortos, seu castelo foi demolido, se tornou prisioneira de guerra e então foi vendida a um Judeu, dom Issacar que a dividia por noites junto a um Inquisidor-mor, tornando-se sua cozinheira ao lado da Velha, que era a empregada da casa.

Certo dia, para amedrontar o israelita, o Inquisidor-mor convidou Cunegundes para assistir um auto de fé que ele mesmo celebraria. Após ver dois judeus e um biscainho serem mortos, a ex baronesa acaba por ver Pangloss numa forca e Cândido desnudo na frente de todos para receber as cem chicotadas a mando de seu dono, a mesma logo teve a ideia de pedir a Velha para que cuidasse de Cândido e quando estivesse melhor, lhe trouxesse para a casa e assim ela o fez.

Cândido, após ter escutado todos os tormentos que Cunegundes havia passado, acaba por matar seus dois donos na mesma casa onde a mesma era dividida., Dom Issacar e o Inquisidor-mor eram personalidades importantes de Lisboa. Devido a isso, a Velha e o casal, sem saída, acabam fugindo até chegarem a Buenos Aires. Logo que desembarcam, a beleza de Cunegundes é reverenciada pelo o “maior senhor da América meridional, Don Fernando de Ibarra y Figeroa y Mascarenhas y Lampurdos y Souza” (Voltaire, 1975, pág. 51) que fica apaixonada pela moça e lhe faz um pedido de casamento. A mesma recebeu a instrução da Velha de ficar para que Cândido pudesse fugir, pois tinha avistado um navio com oficiais de justiça que claramente estavam à sua procura.

Tempos depois, enquanto Cândido estava a caminho de Veneza, Cacambo seu fiel criado, com o dinheiro que vinha de Eldorado resgata Cunegundes de Buenos Aires, mas logo são roubados por um pirata que os levam a “Matapan, a milo, a Nicária, a Samos, a Petra, ao Dardanelos, a Mármara e a Escútari” (Voltaire,1975, pág.121). Cunegundes novamente se torna escrava, mas agora de um príncipe de Constantinopla, assim como a Velha. Cândido recebe a notícia de Cacambo que o mais triste de tudo aquilo era que sua amada havia ficado terrivelmente feia. Ao chegarem todos pelo resgate de Cunegundes, Candido se espanta de horror ao ver sua amada “encardida, com os olhos gastos, o colo seco, as faces enrugadas e os braços vermelhos e descamados.” (Voltaire,1975, pág.128). Ninguém havia contado para ex baronesa que ela havia se tornado feia. Assim que viu seu amado, o lembrou de todos os juramentos dele a ela. O jovem compra de volta ela e a Velha, e finalmente se casam e vivem juntos, ainda que Cândido não tenha mais a menor vontade de se desposar com a mesma.

4. A HISTÓRIA DA VELHA

O papel da Velha na história de Cândido surge de forma lateral na trama, quando ela, a mando de Cunegundes resgata Cândido, após sofrer o auto de fé celebrado pelo Inquisidor mor. Seu papel na história surge apenas para auxiliar o protagonista e a Cunegundes, é vista de modo secundário a ponto de sequer ter um nome, ainda que, personagens masculinos, com menor importância recebem nome ou alguma função social. Num certo momento do enredo, sua história de vida é contada quando insinua ter a vida mais triste que a ex baronesa através do seguinte diálogo:

- Ora, minha querida- disse-lhe Cunegundes-, a menos que a senhora tenha sido estuprada por dois búlgaros, que tenha recebido duas facadas no ventre, que tenham demolido dois de seus castelos, que tenham degolado dois pais e duas mães, e que tenha visto dois amantes serem chicoteados num auto de fé , não vejo como ganhar de mim; acrescente-se que nasci baronesa com setenta e dois costados e ainda fui cozinheira. (VOLTAIRE,1975. PÁG.41)

Então, ao escutarem a Velha contar sua história, percebem que a velha já havia sofrido muito e que também já havia pertencido à nobreza:

- Nem sempre tive os olhos cansados e bordados de escarlata. Nem sempre meu nariz encostou em meu queixo. Não fui sempre serviçal. Sou filha do papa Ubano x e da princesa Palestrina. Fui criada até os catorze anos num palácio para o qual todos os castelos de vossos barões alemães não teriam servido de estábulo; um vestido meu valia mais que todas as magnificências da Vestfália [...] (VOLTAIRE, 1975, PÁG. 42)

E, assim, ficamos sabendo que a Velha foi levada para ser escrava junto à sua mãe, foi estuprada no caminho ao Marrocos por um pirata, e viu todo o restante da sua família ser morto pela guerra. Foi considerada como morta e assim conseguiu fugir, sendo salva por um músico que já havia trabalhado em seu castelo. Foi vendida pelo mesmo, e por diversos outros. Andou pela Europa, Ásia e África, estuprada quase todos os dias, enfrentou a peste, cortaram parte de sua nádega por enfrentarem a fome, foi escravizada e apanhava novamente todos os dias. Fugiu da Rússia até, por fim, ser empregada de Dom Isaacar.

Por ter se envolvido e participado na morte de seu dono, Dom issacar, a Velha tem que fugir com os dois, auxilia na fuga de Cândido ao chegarem em Buenos Aires e fica como empregada de Cunegundes até se tornarem as duas escravas de um príncipe. É também comprada pelo Cândido, aparentemente virando empregada da granja, onde elas se tornaram as donas de casa enquanto os homens cuidavam da terra e discutiam sobre filosofia e as coisas do mundo.

3. A TRADIÇÃO E A OCULTAÇÃO DA MULHER

Para compreender a diferenciação do gênero feminino em comparação ao masculino no livro de Voltaire, é necessário compreender todo um processo histórico que dá base para fundamentar a coadjuvância da mulher dentro da cultura e da tradição. Portanto, é imprescindível investigar o passado para compreender o presente. Michelle Perrot (2006) compreende que desde o início do processo de consolidação da história por meio da escrita, a história da mulher é contada e determinada por homens, sempre à margem da história e banalizada, seja pelo pai, pelo irmão ou pelo marido, com o auxílio da Bíblia. A Bíblia especificamente, e a religião de maneira geral, são fatores fundamentais para decretarem a diferenciação de gênero, além de categorizar a mulher como impura e com destinos pré-definidos: casar virgem, procriar e terminar a vida cuidando dos filhos e da casa ou ficar confinada em um convento.

Como em 1 Timóteo 2:15: “Entretanto, a mulher será salva dando à luz filhos — se elas permanecerem na fé, no amor e na santidade, com bom senso.” Ou em Tito 2:3 a 2:5:

Semelhantemente, ensine as mulheres mais velhas a serem reverentes na sua maneira de viver, a não serem caluniadoras nem escravizadas a muito vinho, mas a serem capazes de ensinar o que é bom a serem prudentes e puras, a estarem ocupadas em casa, e a serem bondosas e sujeitas a seus próprios maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja difamada.

As mulheres, desde pequenas, são condicionadas a serem muito mais vigiadas do que os homens. Um dos motivos dessa precaução se faz necessário para que a mulher permaneça virgem até o casamento, que geralmente ocorre após a menarca. Quando ocorria um estupro, as próprias vítimas eram condenadas, eram desrespeitadas e ficavam sujeitas (ou condenadas) a se prostituírem. Considerado como um dos primeiros trabalhos do mundo, a prostituição se consolidou através de muito sofrimento e descaso pela vida da mulher:

Infeliz daquela que se deixa capturar. Torna-se para sempre suspeita de ser uma mulher fácil. Uma vez deflorada, principalmente se foram muitos os que o fizeram não encontrará quem a queira como esposa. Desonrada está condenada à prostituição. (PERROT, 2006, pág.45)

As mulheres não frequentavam as escolas, portanto não se tinha conhecimento da medicina, desconheciam o seu próprio corpo, que vivia escondido, seu cabelo, envolto por véus, não podiam sair de casa a não ser para celebrações muito específicas, seus maridos eram escolhidos, assim como o seu próprio destino, a única forma de tirar sua impureza que nasce consigo é procriando ou entregando sua vida a Deus. Quando desafiavam a ordem, eram gravemente punidas. No século XV, por exemplo, onde todos os fenômenos ocorridos tinham relação com a vontade de Deus, qualquer doença, ato inadimplente ou imoral era caracterizado como algo advindo do mal, da profundezas do inferno. Conseqüentemente, qualquer mulher que tivesse um conhecimento de cura de feridas através de plantas, fosse solteira e não estivesse sob vigia de algum homem, ou apenas não se adequava ao padrão de vida daquela época, era caracterizada como bruxa. Quando houve uma enorme profusão de pessoas caracterizadas como bruxas ou feiticeiras, a Igreja Católica, como grande "ditadora" dos costumes da época, lançou uma espécie de 'mandato' atribuído que a Inquisição tinha pleno poder de eliminar a bruxaria, sendo assim, muitas mulheres foram mortas na fogueira devido a esse ato.

A história escrita da mulher diz mais sobre o próprio escritor, do que a história das mesmas. Apesar da enorme quantidade de imagens sobre a mulher, pouco se diz sobre ela. Michelle Perrot (2006), enfatiza a dificuldade de traçar uma historicidade sobre o gênero feminino por diversos fatores, não há vestígios, nas estatísticas de movimentos de trabalhadores as mulheres não são consideradas, e quando casavam, perdiam o seu sobrenome para o do marido. A mulher ganha estudos e registros somente a partir de 1970, quando há uma grande massa em prol do movimento feminista. Antes disso, o mais próximo de encontrar a história da mulher, se dava através dos diários, cuja maioria foi queimada, pelas próprias mulheres que deviam esconder os seus desejos e vontades. Os encontrados, não eram de grande utilidade, faltavam pedaços e muitos eram considerados mais como uma agenda do que um livro para expressarem seus sentimentos. Michelle Perrot, ao fazer uma investigação sobre as mulheres em relatos, percebe que é por meio dos boletins policiais que as mulheres ganham mais escritos, em Paris no século XVII:

Comerciantes determinadas, domésticas hábeis, esposas em fúria moças casadoiras seduzidas e abandonadas ocupam o lugar central de histórias do cotidiano que expressam conflitos, situações familiares difíceis mas também a solidariedade, a vitalidade das pessoas humildes que tentam de tudo para sobreviver no emaranhado da cidade. (PERROT, 2006,pág. 26)

Desconsiderando a prostituição e o trabalho religioso após não serem oriundos de uma vontade própria da mulher, a aparição desta na sua esfera social se dá através da imprensa. Através do convento, as mulheres tinham um maior acesso à educação. Podiam ler para, assim, dedicarem-se a leitura e estudo da Bíblia. Isso incentivou a produção de cartas e manuscritos, logo depois a produção de livros voltada naquela época para mulheres, como receitas culinárias, “de pedagogia, a imprensa de moda, os romances” (PERROT, 2006, pág.32). A partir de então as mulheres começaram a ganhar cada vez mais espaços nos jornais até o momento que se tornou comum vê-las ocuparem esse espaço.

Através dos antropólogos é possível perceber que nas sociedades primitivas em que sua base alimentar se dá pela colheita, não há uma divisão do trabalho entre homem e mulher, porém a medida que isso não se torna mais o suficiente, o homem precisa caçar e a mulher então passa a cuidar dos filhos. Na Idade Média já é possível observar mulheres se ocupando de trabalhos manuais e até em pequenos comércios, sendo as principais responsáveis no trabalho quando envolvia o cuidado e a educação, como enfermeiras, professoras, benzedoras, parteiras, mas isso só era possível através da aprovação e geralmente com vigias por perto. Segundo Perrot, essa inserção da mulher no trabalho que gerava lucro à família, melhorava a relação entre os casais, que normalmente não tinham tanta intimidade por não conhecerem suas esposas e se casarem por intermédio da família. Mas, de fato, a mulher sempre trabalhou, só nunca tivera prestígio e nem gratificações. Segundo ela:

Seu trabalho era da ordem do doméstico, da reprodução, não valorizado, não remunerado. A sociedade jamais poderia ter vivido, ter se reproduzido e desenvolvido sem o trabalho doméstico das mulheres, que é invisível. (PERROT.2008, p. 109).

No século XVIII surge um movimento cultural que promulgava ideais igualitários, como liberdade, igualdade e fraternidade, onde valorizavam a razão e o conhecimento científico, se afastando das crenças Católicas e criticando a estrutura de poder da época, o absolutismo. Porém esses ideais igualitários não valiam para as mulheres. Filósofos de certa notoriedade como Kant e Rousseau acreditavam que essas eram figuras inferiores e não podiam desfrutar do conhecimento, o último acreditava que a mulher foi feita para agradar o homem. Ainda que não fosse interesse dessa elite cultural que houvesse uma maior autonomia da mulher, foi nesse século que as “as mulheres não foram apenas vítimas indefesas da misoginia da Revolução, mas protagonistas conscientes de seu papel político” (MORIN, 2013, p.331). Morin afirma que foi na revolução francesa que a mulher tomou a consciência que também era cidadã e devia lutar pelos seus direitos, exercendo uma atividade de grande importância para a revolução.

A Revolução Francesa ocorreu devido a uma crise que atingiu níveis sociais, políticos e econômicos fruto de uma imensa desigualdade marcada pelo regime em vigor na época. O absolutismo tinha no topo de sua pirâmide social o Clero, seguido da Nobreza e bem abaixo o povo, formado por comerciantes, camponeses e trabalhadores dos mais diversos tipos, que representava a base de sustentação das classes dominantes. Devido a um atraso econômico que a França sofria por inúmeros fatores, as classes abastadas impuseram piores condições de trabalho para a classe subalterna, aumentando a exploração. Descontentes pela miséria e pela fome, resolveram por meio de assembleia propor uma nova Constituição Francesa, que foi negada pelo rei. A partir de então o povo tomou as ruas.No dia 5 de Outubro de 1789, mulheres vendedoras de peixe encabeçaram uma marcha até a sede da corte real para protestarem sobre o preço do pão, equipadas de facões,lanças e machados, logo atrás vinham soldados e alguns homens. No dia seguinte, após o rei ainda vetar todos os rumos que a assembleia tomava, as mulheres o escoltaram até Paris. Afirma Tânia Morin:

Foi uma iniciativa política sofisticada, porque, com a concentração do poder em Versalhes, o rei ficava longe da pressão popular e mais exposto às influências da rainha e da corte, e se utilizava do direito de veto, que ainda possuía no início da Revolução, para impedir que as reformas fossem realizadas. Ao trazerem Luís XVI para Paris, as mulheres

mudaram o centro de gravidade do processo revolucionário e propiciaram à população da capital um novo protagonismo. (MORIN, 2013, pág.113)

Por mais que fosse considerado um ato de grande bravura e resistência, as mulheres estavam enfrentando, além do regime que imperava, os homens que dirigiam a revolução, sendo muito reprimidas, já que haviam os homens que não aceitavam de forma alguma que as mulheres participassem desses atos e outros que concordavam com sua participação passiva, apenas enquanto coadjuvantes de seus maridos, pais etc. As mulheres, após tal ato foram divididas entre virtuosas e perigosas, as primeiras eram as mães que entendiam que seu papel era procriar líderes e guerrilheiros da revolução, além de cuidar da casa, já as perigosas eram as mulheres consideradas militantes que cobravam da ordem social melhorias e iam para as ruas, geralmente armadas.

Pela influência da marcha, começaram a surgir clubes de mulheres dos mais diversos tipos e caracterizada pela classe de cada grupo. As mulheres de classe inferior reuniam guerrilheiras para armarem estratégias consideradas extremas, segundo Morin; as mais afortunadas reuniam-se para escrever e discutir sobre obras dos filósofos emergentes da época, houve até publicação de uma obra sobre os direitos da mulher e da cidadã na época, de Olympe de Gouges. Morin enfatiza a importância desses clubes para marcar a passagem da mulher do privado para o público. Quando novamente houve a falta do pão e do sabão as peixeiras e as revolucionárias entraram em confronto, as peixeiras só queriam que seus direitos e de seus filhos fossem assegurados, enquanto as revolucionárias queriam radicalizar a luta. Por tal ato e reverberação deste, o Comitê de Segurança fechou todos os clubes femininos, acabando com as organizações e reuniões das mulheres de forma autônoma, porém isso não as fizeram desistir. Invadiam as discussões nos tribunais, aplaudiam ou vaiavam os deputados, participavam das cabeças decepadas na guilhotina e assistiram a vitória da república, por tanta petulância, afirma Morin, alguns homens até desistiram de proibir a frequência de mulheres em alguns locais.

Perrot (2006), cita Jean Nicolas por estudar motins sobre alimentos realizados na França no século XVII até a revolução Francesa, segundo ele, as mulheres sempre ocupavam os papéis centrais, caracterizadas por lidarem de forma mais ardente e cobrando preços justos pelos alimentos. A autora ainda reforça que esses movimentos de liderança e participação feminina tiveram mais impacto e presença no século XVIII do que o século seguinte quando a taxação e regularização dos alimentos evitou tais atos, um exemplo concreto é que as francesas só tiveram direito ao voto em 1945, quase na metade do século XX.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Cândido*, François-Marie Arouet, mais conhecido como Voltaire abrange a história de duas mulheres de forma mais ampla; Cunegundes, grande amor de *Cândido* e a Velha. Cunegundes é estereotipada, tratada como filha do barão, bonita e rica. Por conta de diversas situações, acaba feia e pobre, o que faz com que *Cândido* não tenha a menor vontade de se deitar com sua esposa. Já a Velha sequer tem um nome, também já fora bonita e rica, enfrentou diversas guerras e doenças, mas isso não é tratado com importância, na verdade, foi a piedade de Dom Issacar que a fez uma mulher digna de pelo menos um trabalho. Ambas são contadas sem desejos, sem vontades e qualidades a não ser por suas feições, se tornam escravas, depois são compradas por homens diversas vezes, estupradas e tratadas como objetos. Voltaire também faz menção a enorme quantidade de prostitutas em Paris. Perrot (2006) analisa sobre as prostitutas da época, segundo ela, Lisboa e Paris eram as capitais da prostituição. Em Paris, cerca de 50 mil mulheres eram prostitutas, devido a miséria das mulheres solteiras e sua única opção diante do estupro.

Voltaire foi um nobre escritor que ganhou prestígio com sua escrita, conquistou *Le Monde*, teve acesso a filósofos como Rousseau e a filosofia de Kant, Diderot e vários pensadores iluministas. Robert Darnton, em *Boemia Literária e Revolução* (1982) enfatiza que: “Voltaire entendia que o iluminismo devia começar com os grands: uma vez conquistadas as camadas dominantes da sociedade, poderia ocupar-se das massas - mas zelando para que não aprendessem a ler.” (pág. 24). Se Voltaire, que era um membro da elite letrada da época, defendia junto aos seus pares que as massas não deveriam aprender a ler, sem distinção entre homens e mulheres, situação ainda mais difícil viviam essas últimas em sua visão, já que além de serem mulheres pertenciam ao povo e além de pertencerem ao povo eram mulheres.

Não desconsiderando sua importância para o próprio movimento iluminista por sua literatura, Voltaire também foi um dos auxiliares a apagar e desconsiderar a importância das mulheres na construção da

história, colocando-as sempre como à margem do papel principal, estereotipadas e necessitada de um homem para salvá-la e cuidá-la. Complementando através de Perrot (2006): “a atenção que dispensam às mulheres é reduzida ou ditada por estereótipos” (pág.17).

Já tínhamos assinalado que a questão que enseja esse trabalho é investigar se a forma como Voltaire apresenta as mulheres no *Cândido* condiz com o papel social que essas cumprem na sociedade do século XVIII. Notamos que as desventuras vividas pelas personagens do escritor francês encontram respaldo na própria realidade das mulheres da época; constantemente violadas e violentadas, quando não tinham um homem para garantir recursos, status e segurança, a única alternativa era a prostituição. Por outro lado, é justamente no fim do século de lançamento do *Cândido* que as mulheres ganham, contra a vontade dos homens, protagonismo político-social estando a frente de uma das revoluções modernas mais relevantes. É aqui que entra o papel de Voltaire nas mulheres do *Cândido*, já que, assim como diversos filósofos iluministas e importantes da época, aquele as considera inferiores, independentemente de seus esforços para obter maior autonomia, de suas lutas por direitos ou de protagonizarem uma revolução. Portanto, Voltaire consegue descrever a realidade ao mesmo tempo que, dentro e fora dos livros, a naturaliza, tornando condição imutável algo que foi e é constituído historicamente.

REFERÊNCIAS

Bíblia. Português. *Bíblia sagrada: Novo Testamento*. Tradução de Padre Fábio Meira. Santa Catarina: Inove, 2014..

CHARTIER, Roger. *As Origens Culturais da Revolução Francesa*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. DARNTON, Robert. *Boemia Literária e Revolução: O submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

GREGORI, Maria Filomena. *Cenas e Queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

MIYAMOTO, Yumi Maria; KROHLING, Aloisio. Dos Direitos das Mulheres na Perspectiva de Jean-Jacques Rousseau, Mary Wollstonecraft e Olympe de Gouges. *Publica direito*, p. 1-16, 24 nov. 2019. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=6ebb69ffbebe9fd9>> Acesso em: 25 nov. 2019.

MORIN, Tânia. *Virtuosas e perigosas. As Mulheres na Revolução Francesa*. 2. ed. São Paulo: Alameda editorial, 2014.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

VIEIRA, Patrício de Albuquerque. Entre Santas e Putas: reflexões sobre a prostituição de mulheres. // - CINTEDI Congresso Internacional de Educação Inclusiva: II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva, Campina Grande- PB, p. 1-12, 16 nov. 2016. 2º Congresso CINTEDI, 2016, Campina Grande- PB.

VOLTAIRE. *Cândido ou o Otimismo*. 2. ed. Editora Abril Coleções, 2010